



Telejornalismo e suas fases: Brasil e Espanha

Kellyanne Carvalho Alves¹.

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco.

Resumo: Este artigo tem como preocupação fazer um breve histórico do telejornalismo e suas fases no Brasil e na Espanha. O objetivo é traçar as principais características deste gênero jornalístico nos dois países atendendo suas especificidades históricas. Observa-se que tanto no Brasil como na Espanha, o telejornalismo se configura como um dos principais produtos da programação televisiva. Considera-se que o telejornalismo se constitui como “lugar de referência”, já apontado por Vizeu e Correia (2008), ao passo que também se torna um lugar de legitimação do próprio meio frente ao processo de fragilização das instituições tradicionais na sociedade. Isso é possível notar ao longo dos anos, perdurando ainda hoje como um dos espaços construtores da realidade social que contribui e reforça o “poder simbólico” da televisão, um sistema simbólico legitimado nos países estudados.

Palavras-chave: Telejornalismo; lugar de referência; lugar de legitimação, Brasil e Espanha.

1. Telejornalismo brasileiro e suas fases

O primeiro telejornal foi ao ar no dia seguinte da primeira transmissão da TV Tupi, em 19 de setembro de 1950. O “Imagens do Dia” apresentava notícias locais lidas pelo locutor Ruy Rezende, a partir das 20 horas, pois ainda não existia um horário fixo de programação. Um exemplo é a notícia do desfile cívico-militar, em São Paulo. As

¹ Doutoranda da Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE). Mestre em TV Digital pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Pesquisadora do Grupo Jornalismo e Contemporaneidade da PPGCOM/UFPE e Jornalista. E-mail: kellyanne.alves@gmail.com. Bolsista da Capes.

imagens em preto e branco filmadas eram transmitidas enquanto o locutor relatava o acontecimento ao vivo (MELLO, 2015, p.58). Em 1951, o primeiro programa vespertino trazendo notícias na hora do almoço, com o repórter Tico-Tico e Carlos Spera, foi chamado inicialmente “Edição Extra” e depois “Revista Edição Extra”. “Sem qualquer recurso técnico, a solução foi improvisar: muitas notícias eram lidas e comentadas a partir de jornais e de revistas. As imagens eram obtidas de recortes colados nas paredes do estúdio, a notícia era dada ao mesmo tempo em que o cinegrafista focalizava a foto.” (NEVES, 2015, p.27).

O “Diário de São Paulo na TV”, da TV Tupi, das dez e meia da noite, segue o modelo desse telejornal na busca por inovação nos formatos, “com imagens sobrepostas, entrevistas e reportagens com filme ao fundo”. Ele foi pensado para dar uma ideia de conversa ao vivo com o entrevistado. Mesmo que as limitações técnicas não permitissem isso, a equipe do telejornal criou um efeito que simulasse a conversa. A ideia foi projetar ao fundo do estúdio as repostas do entrevistado já gravadas antes e o apresentador no estúdio ao vivo fazia as perguntas. Assim, após o apresentador perguntar, a câmera focava na projeção as respostas, criando um efeito de conversa ao vivo (NEVES, 2015, p.28).

Um dos mais famosos noticiários televisivos do País, o “Repórter Esso” foi lançado em 1 de abril de 1952, na TV Tupi Rio, trazendo no nome a marca do seu patrocinador: Esso. O “Repórter Esso” é um modelo adaptado de um radiojornal veiculado pela *United Press Internacional* (UPI), que recebia o material de uma agência de publicidade. Ele apresentava informações já produzidas pela agência publicitária com muito mais material internacional do que nacional (MATTOS, 2010a, p. 28-29).

A agência de propaganda McCann-Erickson, inicialmente, era a responsável pelo conteúdo com textos traduzidos das notícias veiculadas pela UPI. Somente em 1956, a TV Tupi monta sua equipe de produção noticiosa com o departamento de jornalismo sob responsabilidade Armando Figueiredo. Momento em que o telejornal passa a veicular mais notícias nacionais criadas pela própria equipe da emissora. O programa passa em 1965 para a TV Globo São Paulo. Depois vai para a TV Record, retornando para a TV Tupi, em São Paulo, ficando no ar até 1968 na emissora paulista e na TV Tupi, do Rio de Janeiro, até 1970 (NEVES, 2015, p.29).

Antes do “Repórter Esso”, já tinham sido produzidos outros telejornais com esse formato como: “Teleatualidades Mercedes Benz” da TV Paulista, patrocinado pela Mercedes Benz; “Telenotícias Panair” na TV Tupi, em São Paulo, da empresa de avião Panair do Brasil; “Informativo Panair” na TV Rio, da mesma empresa, e “Telejornal Pirelli”, da empresa Pirelli, entre outros. Também foram criados programas jornalísticos com entrevistas e debates calorosos, principalmente sobre política (NEVES, 2015, p.28-29).

Rezende (2010) traçando os percursos do telejornalismo no Brasil delinea-os a partir de sete momentos. A primeira fase é marcada pelo formato do telejornal “Repórter Esso”, configurado por uma influência radiofônica. Uma fase vivenciada no período dos anos 1950 a 1960 em que o acesso ao serviço televisivo era limitado pela baixa penetração dado ao alto custo do aparelho, que se populariza nas próximas décadas. “Com informações redigidas em forma de ‘texto telegráfico’, os noticiários eram apresentados por locutores com estilo ‘forte e vibrante’, copiado do jornalismo radiofônico” (REZENDE, 2010, p.57).

O telejornal “ao vivo” direto do estúdio – até o aparecimento do videoteipe – não apresenta uma instantaneidade já que havia um atraso de até 12 horas entre o acontecimento e sua exibição por causa da demora na revelação e montagem do filme. Outra característica é a ligação do conteúdo a estratégia de econômica da emissora, por meio da presença do patrocinador do programa (REZENDE, 2010, p.58).

A segunda fase (REZENDE, 2010, p.58-59) é a “busca da linguagem própria” que tem como representante o “Jornal de Vanguarda”, na TV Excelsior, dirigido por Fernando Barbosa Lima. Situada nos anos 1960 a 1969, a fase é marcada pela introdução da participação de três perfis: produtor, apresentador e cronista no telejornal. Além dos apresentadores (Luís Jatobá e Cid Moreira), tem-se o cuidado com a imagem, que apresenta um visual dinâmico permitido pelos avanços técnicos (câmeras mais ágeis e a gravação em videoteipe).

Foram fatores fundamentais para o sucesso alcançado no telejornal ao oferecer originalidade no formato conquistando prestígio no país e no exterior. “O *Jornal da Vanguarda* era tão movimentado que tinha oito ou nove pessoas dentro do estúdio, entre apresentadores e comentaristas. Além disso, apresentava ilustrações, bonecos, comentá-

rios políticos, sátiras e ‘piadinhas’ de Sérgio Porto” (NEVES, 2015, p. 36, grifo do autor). Com o golpe militar em 1964, o “Jornal da Vanguarda” resiste apenas poucos anos, principalmente após o AI-5, e depois é extinto em 1969 (REZENDE, 2010, p.58).

Neves (2015) analisa os telejornais do início da década de 1970, a partir de tentativas de resistência ao regime militar. A TV Excelsior se posiciona resistente ao golpe militar e por isso enfrenta perseguição do governo até ser extinta. O “Jornal da Vanguarda” sofre com a censura fortemente e chega até mudar de emissora passando pela TV Tupi, TV Globo, Continental e TV Rio, quando acabou.

A autora cita ainda como exemplo de resistência os programas da TV Record “Quem Tem Medo da Verdade” e o “Tempo de Notícias” – posteriormente chamado de “Record Notícias” – com entrevistas e debates com a participação de jornalistas experientes. Na TV Bandeirantes, em 1967, o telejornal de resistência é o “Titulares da Notícia”, tendo imagens dinâmicas com movimento de câmera e reportagens críticas e mais longas (NEVES, 2015, p.38).

Para Rezende (2000), a censura com seu duro controle político estimula a adoção no telejornalismo brasileiro do modelo norte-americano. “Ao tentar copiar o estilo e a forma, apenas no visual os informativos se parecem com o modelo. Dispensa-se a participação dos jornalistas como apresentadores e os locutores voltam a ocupar papel exclusivo na condição dos noticiários” (REZENDE, 2000, p.108).

O “Jornal Nacional” é o representante da terceira fase denominada: “telejornalismo em redes (1969-1983)”. Com a inauguração da TV Globo no Rio de Janeiro, após a extinção da TV Excelsior, a emissora traz a ideia de nacionalização e centralização de propriedade, produção e publicidade como marcas da sua estratégia comercial. Período em que se torna possível a transmissão via satélite e as ligações de micro-ondas. Consegue-se, assim, diminuir as distâncias nacionais e internacionais permitindo uma produção e transmissão em rede (REZENDE, 2010, 59-60).

Em 1 de setembro de 1969, com a expansão do sistema de micro-ondas, vai ao ar o “Jornal Nacional” simultaneamente transmitido no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. É o primeiro telejornal em rede do Brasil. Neves (2015) analisa que o projeto de unificação do país não estava no primeiro plano da Rede Globo, já que estimulava os telejornais locais. “A ideia era um programa diário,

que entrasse ao vivo em vários estados, para estimular a filiação. [...] A direção do telejornal preparou um ‘processo industrial’ de noticiar e de produção das imagens instalando o padrão Globo de telejornalismo” (NEVES, 2015, p.39).

Rezende (2000, p.109) destaca que a emissora ao anunciar o “Jornal Nacional” na reportagem da Revista Veja diz que o lança para “que 56 milhões de brasileiros tenham mais coisas em comum. Além de um simples idioma”. O autor aponta como objetivos reais os interesses mercadológicos e políticos. O telejornal tem, assim, como foco promover o sentido comum de noção em meio as inúmeras diferenças regionais brasileiras na busca de um fortalecimento da identidade nacional.

Num modelo pautada no rigor técnico de qualidade, o “Jornal Nacional” passa pelo rigor da intervenção militar da censura a imprensa. Rezende (2000, p.110) destaca que houve um ganho na qualidade técnica com sua originalidade e uma perda no conteúdo limitado por causa de interferência da censura e a restrição de liberdade.

Nessa fase, o autor aponta o telejornal “Titulares da Notícia”, da TV Bandeirantes, com a apresentação feita pela dupla sertaneja Tônico e Tinoco. Ele traz notícias do interior paulistano com depoimento popular e valorização do trabalho do repórter, não importando as aparências e voz do profissional. Depois a TV Tupi, já passando por dificuldades, lança o “Rede Nacional de Notícias”, que traz a transmissão ao vivo com locutores de várias capitais enquadrados em primeiro plano e ao fundo o ambiente de redação (REZENDE, 2010, p.61).

Há diversos telejornais nas emissoras nessa fase. O “Jornal da Record”, apresentado por Ricardo Carvalho, surge em 1972 quando ainda a emissora era das famílias Machado de Carvalho e Sílvio Santos. Ele trazia comentários dos jornalistas Celso Ming e Paulo Markun e reportagens de Sílvia Poppovic (SILVA, 2009). Mas é no comando de Edir Macedo e seu projeto de rede nacional para a TV Record, em 1989, que o “Jornal da Record”, apresentado pelo jornalista Carlos Nascimento, também ganha o objetivo de ser um telejornal em rede.

É o “Jornal Nacional” que se consagra pela popularidade e estimula a expansão do telejornalismo em rede alcançando ampla audiência nacional. Apresenta um padrão estético com apresentadores e repórter selecionados pela competência e “boa aparência”, efeitos especiais, texto minuciosamente pensado num estilo “manchetado” buscan-

do clareza, rapidez e objetividade. “O modelo aplicava-se também aos repórteres, dos quais se requeria uma aparência de ‘neutralidade’ e formalismo, essencial para uma imagem de isenção na abordagem dos fatos e credibilidade junto aos telespectadores (REZENDE, 2010, p.64).

A quarta fase (1983-1990) do telejornalismo brasileiro (REZENDE, 2010) é “alternativa no horário nobre” e traz como exemplo o “Jornal da Manchete”. A TV Manchete buscava conquistar as classes A e B com uma programação de qualidade. No jornalismo trouxe novas ideias, uma delas foi duas horas de telejornal na faixa do horário nobre. O “Jornal da Manchete” ganha pontos de audiência frente a dominação nos índices da TV Globo ao priorizar o comentário e analisar os fatos (REZENDE, 2000, p.122).

A “ancoragem à brasileira” é a quinta fase do telejornalismo (1990-1997) segundo Rezende (2010). Apesar de reconhecer que em 1980, na TV Bandeirantes, Joelmir Beting já tinha sido o primeiro âncora brasileiro no “Jornal da Bandeirantes”. O autor tem como exemplo da fase o “TJ Brasil”, do SBT, com Boris Casoy como âncora do programa. O SBT investe na modernização dos equipamentos e ilhas de edição e computação gráfica que traz uma nova plástica e novas vinhetas. “Além de conduzi o noticiário, passou a fazer entrevistas e emitir comentários pessoais sobre os fatos. A resposta do público se refletiu logo no faturamento e o ‘TJ Brasil’ veio a se transformar nos segundo produto do SBT e a atrair mais publicidade [...]” (REZENDE, 2010, p.68, grifo do autor).

Em 1997, Boris Casoy leva o estilo de ancoragem para Rede Record estreando no “Jornal da Record”, com uma hora de duração. A sexta fase (1997-2002) é considerada pelo aparecimento dos canais segmentados com o crescimento da TV por assinatura. Há uma queda de audiência nas emissoras abertas. Rezende (2010, p.73) aponta o canal *Globo News*, canal exclusivo de notícias 24 horas, como o representante da fase. As primeiras transmissões acontecem em 15 de outubro de 1996. O *Globo News*, da Rede Globo, surge com a promessa de jornalismo ágil e com profundidade na informação. A Rede Bandeirantes lança o canal *Band News* em 2001. Em 2007, o primeiro canal exclusivo de notícias entre as emissoras abertas é inaugurado pela Rede Record, o

Record News, que é transmitido em UHF (*Ultra High Frequency*) e em TV por assinatura a cabo.

A última fase proposta por Rezende (2010, p.74-77) é “novos modelos: paradigma: Profissão Repórter e CQC” e se inicia no ano de 2002. Para o autor o “Profissão Repórter”, da TV Globo, resgata no telejornalismo a prática do apuro investigativo e o programa CQC, da TV Bandeirantes, traz uma narrativa híbrida com a mescla de informação e entretenimento num tom irreverente dado as fontes. Período de agressiva concorrência entre os telejornais com contratações de jornalistas pelas emissoras, principalmente TV Globo, com o “Jornal Nacional”, e a TV Record, com o “Jornal da Record”. O “Jornal da Record” passa a ser apresentando por uma dupla de jornalistas que tinha feito história no jornalismo da TV Globo, Celson Freitas e Adriana Lopes. “A competição entre os dois telejornais acionou a adoção de práticas de apuração em busca de furos de reportagem e da notícia mais espetacular” (REZENDE, 2010, p.76).

Neste estudo, adiciona-se mais uma fase a proposta de Rezende (2010), a qual denomina-se de fase “VC na notícia” (2010 -) que começa em 2010 de forma ainda tímida ao estimular a participação e colaboração das audiências ativas² para o envio de sugestões de pauta, fotos e vídeos, utilizando como canal de mediação dessa interatividade a internet. Com a convergência, integração das redações, conectividade e múltiplos dispositivos ver-se hoje cada vez mais forte a presença de material oriundo da colaboração destas audiências nas notícias e em quadros nos telejornais com o incentivo do compartilhamento por meio de aplicativos de mensagens e redes sociais.

Atualmente, as principais emissoras privadas abertas apresentam na sua grade de programação telejornais com periodicidade de segunda a sábado, com exceção do “Hora 1” da TV Globo. A RedeTV! é a única emissora a possuir apenas um telejornal o “RedeTV! News”, às 19h30. As outras investem mais espaços para o telejornalismo na grade de programação. A Record apresenta dois jornalísticos de cobertura nacional: “Fala Brasil”, às 08h55, e “Jornal da Record”, às 21h45. A Band oferece de segunda a sexta-

² “O termo audiência ativa aplicado refere-se à cidadã e cidadão que participa diretamente como colaborador de uma notícia ou quadro do telejornal enviando material de um acontecimento em forma de texto, imagem, áudio ou vídeo para a redação ou quando o jornalista busca a/o cidadã/cidadão, a partir de contato direto ou por meio de internet e aplicativos de mensagens e solicita o envio deste material” (ALVES; NOCI, 2017).

feira o “Jornal BandNews”, às 06 h; “Jornal da Band”, às 19h20, e “Jornal da Noite”, às 00h05. No sábado somente é produzido o “Jornal da Band”, às 19h20.

A TV Globo é a que mais investe espaço na grade para o formato telejornal. Os telejornais são: “Hora 1”, às 05 h; “Bom dia Brasil”, às 07h30; “Globo Esporte”, às 12h47; “Jornal Hoje”, às 13h20; “Jornal Nacional”, às 20h30, e “Jornal da Globo”, às 23h18. O telejornal “Hora 1” é o único produzido de segunda a sexta-feira, enquanto os outros são exibidos de segunda a sábado.

2. Telejornalismo espanhol e suas fases

As primeiras experiências de jornalismo no formato audiovisual espanhol surge bem antes da chegada da televisão. É no cinema que as informações em áudio e vídeo encontram inicialmente seu lugar na Espanha. O NO-DO (*Noticiario Cinematográfico Español*) tinha edição semanalmente nas salas de cinema do país.

Um acordo da vice-secretaria de Educação Popular de 29 de setembro de 1942 e uma resolução de 17 de dezembro do mesmo ano (BOE 22 de dezembro de 1942) dispôs sua emissão obrigatória a partir de 4 de janeiro de 1943. Sua projeção era obrigatória passando antes do filme até janeiro de 1976, mas sobreviveu até 1981, embora já seja de forma voluntária. (VILLALBA, 2015, p.53, tradução nossa).

O NO-DO foi criado pelo governo franquista como meio de propagação de informações do regime e forma de controle político e social. Rodríguez (1999) observa-o como um instrumento de “educação popular” com informações monopolizadas pelo governo servindo de meio de “informação/educação/instrução”. Um serviço informativo exclusivo e obrigatório para manutenção do controle político e social baseado na publicidade política e administrativa. “O NO-DO transmite através de suas informações e reportagens o conteúdo social, humano, ético e religioso que os novos governadores queriam para a Espanha” (RODRÍGUEZ, 1999 p.117, tradução nossa).

As notícias do NO-DO foram usadas na programação de inauguração da primeira emissora a *Televisión Española* (TVE), no dia 28 de outubro de 1956. Ao contrário do modelo de serviço privado aberto implantado no Brasil, a Espanha desenvolve a te-

levisão por meio do modelo de sistema aberto público, igualmente como ocorreu em outros países na Europa. A produção do NO-DO serviu de material de apoio nos primeiros anos do telejornalismo. O declínio do NO-DO se dá pelo desenvolvimento dos informativos televisivos, a partir dos anos 1970. Época em que se começa a questionar a necessidade de sua existência. Em 1975, durante a transição política, o *Ministerio de Información y Turismo* suprimiu a obrigatoriedade de projeção. (RODRÍGUEZ, 1999 p.116).

As notícias estiveram presentes durante as horas de emissão televisiva nos testes experimentais com “*Últimas noticias*”, apresentado por David Cubedo, produzido com material do radiojornalístico “*Diario Hablado*”, da *Radio Nacional de España*. Este programa não esteve no primeiro dia de programação inaugural da TVE, sendo exibido no dia seguinte. Depois veio “*Edición especial*” e depois “*Telediario*”, sob comando de Ángel Marrero (FERNÁNDEZ, 2006).

Os telejornais vão aprimorando sua produção a partir do último trimestre de 1958. Neste momento, há um investimento na programação com aparecimento de novos programas musicais, concursos, sessão de filmes. “Foram títulos deste grupo: «Telediario», em suas duas edições; «Telecrónica»; «Edição especial» e «Telenoticia». Os serviços informativos dedicaram especial atenção aos relatórios esportivos.” (FERNÁNDEZ, 2006, p.666-667, tradução nossa, grifo do autor).

Como no Brasil, o telejornalismo espanhol também busca no início sua referência no radiojornalismo, até conseguir desenvolver linguagem própria. “Estes primeiros noticiários consistiam em ler diante das câmeras os boletins de notícias da *Radio Nacional de España* [...] já que não havia um arquivo de filmagem e nem havia oportunidade de adquirir material do exterior.” (HERRERA, 2015, p.181, tradução nossa). Durante a visita do presidente dos Estados Unidos no final dos anos 1950, a TVE começa a despertar no telejornalismo o potencial da imagem na cobertura noticiosa. “Em dezembro de 1959, o presidente dos Estados Unidos, Dwight David Eisenhower, visitou a Espanha. A TVE inaugurou com essa visita grandes desdobramentos informativos”. (MIGUEL; FIDALGO; SANTOS, 2010, p.130, tradução nossa).

Villalba (2015) também ressalta que os noticiários no começo eram uma cópia da Rádio Nacional com repetição de informações já emitidas pelo rádio, até que com o

tempo os jornalistas percebem o poder da imagem. “É no final dos anos 60, quando o telejornal começa a seguir o modelo que já havia sido estabelecido no resto da Europa e foi modernizado, adotando o formato de meia hora com a notícia encomendada em seções temáticas” (VILLALBA, 2015, p.54, tradução nossa). Década que surge a TVE 2 com uma proposta de conteúdos especializados, enquanto a primeira TVE se mantém a abordagem generalista.

A produção noticiosa se empenha na cobertura de grandes eventos, ao despertar para o aproveitando do potencial da televisão na transmissão de acontecimentos. E assim, fortalece sua presença na programação ao atrair atenção da audiência com as coberturas esportivas e culturais na década de 1960 como:

a transmissão diária de uma reportagem da “Volta Ciclista a Espanha”, onde pela primeira vez a televisão espanhola seguiu com um carro o desenvolvimento da grande corrida e a transmissão ao vivo na TVE do “casamento do século”, entre o Rei Baldwin da Bélgica e dona Fabiola de Mora y Aragón, que aconteceu em 15 de dezembro, em Bruxelas (FERNÁNDEZ, 2006, p.671, tradução nossa).

Fernández (2006) destaca que a transmissão desse casamento real foi a entrada oficial do país na rede Eurovisão. Miguel, Fidalgo e Santos (2010), ao analisar a evolução do tratamento das notícias televisivas na Espanha, destacam três momentos. O primeiro é a implantação em que as notícias são vistas como “janela aberta da realidade”, ao se deparar com o potencial da imagem. Nela, as notícias começam sendo lidas ao vivo pelo apresentador e paulatinamente as imagens filmadas são incorporadas, ganhando um impulso a partir da parceria com rede Eurovisão, nos anos 1960, com “a criação de uma rede de correspondentes”. (MIGUEL, FIDALGO; SANTOS, 2010, p.130).

Acompanhando o desenvolvimento jornalístico televisivo, Miguel, Fidalgo e Santos (2010) ressaltam o segundo momento quando o telejornalismo na TVE busca um tratamento mais objetivo da notícia, aqui é a fase de transição para a democracia. Os autores destacam a procura por mostrar os diferentes pontos de vistas dos diferentes agentes sociais a partir da orientação do “*Consejo General de Administración de Televisión Española*” que [...] se deveriam levar em consideração estes termos, uma vez que “respeitar a imparcialidade exige tratamentos informativos similares para atos públicos

equivalentes” (página 311), ou temas tão evidentes como seria o contrastar as fontes (De Pablos, 1999) [...]”. (MIGUEL; FIDALGO; SANTOS, 2010, p. 131, tradução nossa).

O terceiro momento do telejornalismo se configura na luta pela audiência entre os telejornais, a partir do investimento no espetáculo da imagem tanto na televisão pública como privada, segundo analisa Miguel, Fidalgo e Santos (2010). “Desde o final do século XX, os noticiários, novamente, se voltam tentando chegar ao espectador para obter uma audiência mais elevada. A seção internacional se constitui fundamental por causa dos conflitos que flagelam o mundo (MIGUEL; FIDALGO; SANTOS, 2010 p.132, tradução nossa). Os autores apontam a fragmentação ou serialização das notícias como uma das características gerais a todas as emissoras.

Característica que também é observada por Moreno Espinosa (1998). “Desde a aparição de canais de televisão privados em 1989, houve uma luta entre todas as redes (cobertura nacional e canais regionais) para alcançar a liderança nas notícias” (MORENO ESPINOSA, 1998, p.2, tradução nossa). Para Moreno Espinosa (1998, p.5), todos os telejornais, mesmo possuindo diferença característica de cada emissora, são muito parecidos nos aspectos redacionais com apresentação de frases curtas e linguagem fácil no texto jornalístico.

Moreno Espinosa (1998) nota que a Antena 3 é a primeira emissora privada a priorizar a informação na grade. Esta aposta no telejornalismo, como uma estratégia na programação em Antena 3, era composta por um enfoque na opinião e na crítica dentro dos telejornais. Ao passar dos anos, tem-se uma modificação e se aproxima do estilo menos reflexivo das outras emissoras privadas. A Telecinco, emissora privada, começa apostando mais no entretenimento, os telejornais só ganham prioridade na sua programação a partir de 1992, quando se investe nos noticiários como estratégia para conseguir mais audiência.

Nesse período, os telejornais da La 1 (RTVE), emissora pública, também passam por modificações em busca da liderança (MORENO ESPINOSA, 1998). As modificações nos noticiários espanhóis dessas três principais emissoras abertas são analisadas por Pestano Rodríguez:

Na televisão geralista, as formas externas de informação mudaram perceptivelmente na última década; agora as principais emissoras de cobertura estadual ampliaram o tempo total dedicado à informação; [...]; estes espaços informativos têm uma duração maior para poder inserir publicidade e cumprir os regulamentos vigentes; na sua forma se incorporam novidades expressivas, inserção de rótulos, infografia e animações, espaços para reportagens junto a exibição de meios técnicos. Dentro da área empresarial, os telejornais têm uma consideração especial de dentro e de fora da empresa informativa, porque se identificam com a parte da imagem que a empresa quer dar de si mesma [...]. (PESTANO RODRÍGEZ, 2008, p. 454, tradução nossa).

A La 1 manteve por um tempo a preferência já conquistada ao longo dos anos pela TVE, mas foi perdendo espaço para as emissoras privadas Telecinco e Antena 3. La 1 fica à frente apenas das emissoras privadas La Sexta e Cuatro (BARLOVENTO COMUNICACIÓN, 2016). Os telejornais espanhóis organizados pelas edições diárias de notícias são denominados “*Informativos*” ou “*Telediarios*”. Eles trazem notícias gerais das editorias nacional, internacional, sociedade, política, economia e cultura. Os telejornais “*Deportes*” (esportes) são focados nas notícias da área esportiva. Também são produzidos pela equipe os programas sobre a previsão meteorológica detalhando cada região. Eles são apresentados de segunda a sexta-feira pelos mesmos apresentadores e nos finais de semana assumem outros jornalistas.

A emissora pública La 1 oferece os jornalísticos de segunda a sexta-feira em três edições: “*Telediario matinal*”, às 06h30; “*Telediario 1*”, às 15 h, e “*Telediario 2*”, às 21 h. Nos finais de semana também são emitidos no mesmo horário. Nos programas têm a apresentadora principal que traz as notícias cotidianas gerais. As notícias de esporte aparecem no final do bloco dos telejornais em que na bancada tem-se a presença de outro apresentador assumindo a apresentação dessas notícias. Depois a apresentadora principal se despede e na sequência segue direto para o “*El tiempo 1*” à tarde e “*El tiempo 2*” à noite. No “*Telediario matinal*” as notícias do tempo e esporte são mostradas por apresentadores dentro estúdio. O segundo canal da RTVE, o La 2 produziu “*La Noticias*”, um telejornal veiculado às 00h20.

A Telecinco oferece na grade de programação os jornalísticos de segunda a sexta-feira: “*Informativos Telecinco*”, às 06h30; “*Informativos Telecinco*”, às 15h05; “*Deportes Telecinco*”, às 15h40; “*El tiempo*” às 15h50; “*Informativos Telecinco*”, às 21h05, “*Deportes Telecinco*” às 21h40, “*El tiempo*”, às 21h50. Também os telejornais têm su-

as edições nos finais de semana. A emissora privada aberta Cuatro traz em sua grade de programação os jornalísticos: “*Noticias Cuatro*”, às 14h15; “*El tiempo*”, às 14h45; “*Noticias Cuatro Deportes*”, às 14h55; “*Deportes Cuatro*”, às 15h25; “*Noticias Cuatro 20h*” às 19h45; “*Deportes Cuatro*”, às 20h20, e “*El tiempo*”, às 20h25.

Antena 3 oferece na sua programação de segunda a sexta-feira “*Noticias de la Mañana*”, às 06h15; “*Noticias 1*”, às 15 h; “*Deportes*”, às 15h45; “*Tu tiempo*”, às 16 h; “*Noticias 2*”, às 21 h; “*Deportes*”, às 21h30, e “*La Previsión de las 9*”, às 21h40. La Sexta produz de segunda a sexta-feira os telejornais “*La Sexta Noticias*”, às 14 h; “*La Sexta Noticia Deportes*” às 14h55; “*La Sexta Meteo*”, às 15h30; “*La Sexta Noticias*”, às 20 h; “*Estación Sexta*”, às 20h55, e “*La Sexta Deportes*”, às 21h05.

3. Considerações

Ao percorrer até aqui as fases e transformações experimentadas ao longo das diferentes temporalidades do telejornalismo nos contextos brasileiro e espanhol, busca-se compreender como se configura a história social da TV por meio do surgimento e desenvolvimento dos telejornais e sua manutenção até os dias atuais. No breve histórico, percebe-se como este gênero jornalístico contribuiu no processo de legitimação do poder simbólico do meio desde sua origem até hoje. Mesmo os países estudados apresentando inicialmente estratégias e modelos diferentes – Brasil com sistema privado aberto e Espanha com sistema público aberto –, os dois demonstram uma tendência na valorização e manutenção dos espaços na grade de programação como meio de reforçar seu papel frente a sociedade e como estratégia de manutenção da audiência.

O telejornalismo desde seu surgimento atua como um lugar de legitimação do próprio meio. Considera-se aqui que ao operar como lugar de referência (VIZEU; CORREIA, 2008) devido sua própria função social de ser um dos construtores da realidade social, o telejornal funciona também como um legitimador que reforça o “poder simbólico” (BOURDIEU, 2003) da televisão. Processo legitimado ao longo do tempo principalmente por causa do processo de fragilização das instituições tradicionais nas sociedades.

Na pesquisa global *Reuters Institute Digital News Report 2017*, do *Reuters Institute for the Study of Journalism*, entre as principais conclusões está a observação de um padrão mundial em relação às fontes usadas para acessar notícias na maioria dos países entrevistados. As notícias de televisão e on-line são as mais frequentes na preferência, enquanto há uma diminuição em relação as notícias dos jornais impressos (NEWMAN, et. al, 2017, p. 10-21). Dados que mostram a permanência do telejornalismo como lugar de legitimação do meio e “lugar de referência” até os dias atuais, como foi muito perceptível neste breve histórico dos percursos históricos sociais empreendidos pelo Brasil e Espanha.

Referências

ALVES, K. C.; DÍAZ NOCI, J. Telejornal e audiência ativa na Espanha: estudo de caso da TV3 - Televisió de Catalunya. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: SBPJor, 2017. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/642/563>>. Acesso em dez. 2017.

BARLOVENTO COMUNICACIÓN. **Análisis Televisivo 2015**. 2016. Disponível em <<https://www.barloventocomunicacion.es/images/analisis-televisivo-2015-Barlovento.pdf>>. Acesso em jan. 2017.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

FERNÁNDEZ, F. J. M. Historia de Televisión Española. In: **Anuario Jurídico y Económico Escurialense**, 2006, p. 637-696. Disponível em: <<https://www.rcumariacristina.com/wp-content/uploads/2010/12/20-FRANCISCO-JOSE-MONTES.pdf>>. Acesso jan. 2018.

HERRERA, M. D. O. **Orígenes y desarrollo de la Televisión Digital por Satélite en España a través de los mensajes periodísticos**: El País y El Mundo (1996-2003). Tese (Doutorado em Periodismo, Comunicación e Información)-Facultad de Comunicación, Universidad De Sevilla, Sevilla, 2015. Disponível em: <https://idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/32511/TOMO%20I_TESIS.pdf?sequence=1>. Acesso em jan. 2018.

MATTOS, S. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. 5. ed. rev. e ampl. Petrópolis: Editora Vozes, 2010b.

_____. A evolução histórica da televisão brasileira. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010a.

MELLO, E. PRF-T 3 TV Tupi – Difusora e imagens do dia: o pionerismo da televisão e do telejornalismo no Brasil. In: VIZEU, A.; et al. **Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

MIGUEL, B. G. S.; FIDALGO, M. R.; SANTOS, M. C. G. El tratamiento de las noticias televisivas a debate: de la información a la dramatización. In: **Revista Latina de Comunicación Social**, 65, La Laguna (Tenerife): Universidad de La Laguna, 2010, p.126-145. Disponível em: <http://www.revistalatinacs.org/10/art/888_Salamanca/RLCS_art888.pdf>. Acesso em dez. 2017.

MORENO ESPINOSA, P. El discurso de la televisión en España. In: **Revista Latina de Comunicación Social**. La Laguna (Tenerife): Universidad de La Laguna, 1998, p. 1-6. Disponível em: <https://idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/17215/file_1.pdf?sequence=1>. Acesso em out. 2017.

NEWMAN, N et al. **Reuters Institute Digital News Report 2017**. Reuters Institute for the Study of Journalism, Oxford: sUniversity of Oxford. Disponível em: <<http://www.digitalnewsreport.org/>>. Acesso em jan. 2018.

NEVES, F. Telejornalismo nos primeiros tempos: história de desafios. In: VIZEU, A.; et al. **Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

PESTANO RODRÍGEZ, J. Tendencias actuales en la estructura y contenidos de los informativos de televisión. In: **Revista Latina de Comunicación Social**, 63, 2008, p. 453-462. La Laguna (Tenerife): Universidad de La Laguna, Disponível em: <http://www.revistalatinacs.org/08/38_795_60_TV/latina_art795.pdf>. Acesso em out. 2017.

REZENDE, G. J. de. 60 anos de jornalismo na TV brasileira: percalços e conquistas. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010. 2010.

_____. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

RODRÍGUEZ, S. **El NO-DO, catecismo social una época**. Ed.: Editorial Complutense, Madrid, 1999.

VILLALBA, J. M. **Análisis y Tratamiento de las Audiencias Televisivas y Su Realidad en ‘Andalucía Directo’ de Canal Sur TV**. 2015. 317p. Tese (Doutorado em Periodismo)- Departamento de Periodismo II, Universidad de Sevilla, Sevilla, 2015. Disponível em:<<https://idus.us.es/xmlui/handle/11441/39742>>. Acesso jan. 2018.

VIZEU, A.; CORREIA, J. C. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, A. (Org.). **A sociedade do telejornal**. Petrópolis: Vozes, 2008.